



Donald Woods Winnicott - O Homem, a vida e a obra

Por que o legado de Winnicott para a Psicanálise tem sido tão valorizado? Essa é uma resposta que tentaremos alcançar no decorrer desse curso. Tentarei mostrar, principalmente, mas não só, que suas ideias têm contribuído de maneira significativa para o entendimento dos diversos tipos sofrimentos humanos presentes na clínica contemporânea. De algumas décadas para cá tem surgido novos modos de adoecimento humano diferente daqueles de quando Freud criou a psicanálise. São padecimentos que não são passíveis de serem diagnosticados como neuroses ou psicoses.

Leituras incompletas das ideias de Winnicott entendem que ele teria se dedicado apenas entender a relação bi pessoal entre a mãe e seu bebê. Mas isso não é toda a verdade. Winnicott investigou e escreveu sobre muitos outros temas, como delinquência, adolescência, psicose, etc.

No início de sua carreira Winnicott exerceu apenas a função de pediatra, mas após sua formação em psicanálise, dedicou-se não somente cuidar de crianças e bebês, mas também de adolescentes e adultos.

Sua experiência clínica muito extensa, tanto no contexto hospitalar quanto na clínica privada, permitiram a ele ter uma visão privilegiada do funcionamento de todos os tipos e graus de psicopatologias, desde as manifestações neuróticas mais leves até os estados psicóticos mais graves. Com toda a sua experiência e genialidade ele pode contribuir para a psicanálise escrevendo livros e artigos, dando palestras, fazendo programas de rádio, a respeito de muitos assuntos dentro do campo da saúde mental, como por exemplo, adoção, trauma do nascimento, surto psicótico,

amamentação, tratamento eletroconvulsivo, enurese, inveja, reumatismo juvenil e outros.

Bem, mas para tentarmos compreender suas contribuições para a psicanálise penso ser necessário também nos aproximarmos um pouco de sua personalidade, de sua história, de sua biografia. Dentro da psicanálise se entende que não é possível separar ideias teóricas de um autor da sua história pessoal. Então vamos conversar um pouco sobre a pessoa de Winnicott.

Quem foi essa pessoa que pode construir o legado que alimenta “com um bom alimento” a muitos de nós, psicólogos, psicanalistas, assistentes sociais e professores, entre outros?

A infância e adolescência

Donald Woods Winnicott, nasceu em nasceu em 07 de abril de 1896 em Plymouth, no Reino Unido. Era uma cidade tranquila, distante da correria e do alvoroço de Londres. Sua família era metodista e Donald era o filho caçula. Suas irmãs eram cinco e seis anos mais velhas que ele.

Segundo Claire Winnicott ele teve uma infância feliz, vivida numa casa espaçosa, bastante movimentada, cercada de árvores altas e vistosas, com jardim, fonte, horta, pomar, um gramado para jogar críquete, um açude e quadra de tênis onde a família Winnicott vivia de modo alegre e descontraído. Numa dessas árvores que cercavam o jardim Winnicott fazia suas lições de casa antes de ser enviado para o colégio interno.

Sua mãe, Elizabeth Martha Winnicott, era filha de um químico farmacêutico. Ela era uma mulher de enorme vitalidade. Cuidava dos filhos, supervisionava a casa e os empregados. Tinha grande facilidade e espontaneidade para demonstrar seus sentimentos. Na família de Winnicott todos eram músicos e uma de suas irmãs tornou-se uma pintora. Todos possuíam um irreprimível senso de humor.

Donald foi uma criança cercada de muitos cuidados. Além da mãe, a avô, as duas irmãs, tias, a babá chamada Allie, a governanta, cozinheira e várias copeiras tiveram um papel importante na sua educação. Donald cresceu num universo marcado pela presença das mulheres.

Na casa vizinha à sua moravam seus cinco jovens primos, filhos de seu tio paterno, três meninos e duas meninas e foram criados como se fossem todos uma só família

Seu pai, Sir John Frederick Winnicott, era um rico comerciante e um político importante, tendo sido prefeito de Plymouth por duas vezes. Por conta de suas atividades políticas e sociais passava pouco tempo em casa, deixando seu filho rodeado por um verdadeiro exército de mulheres, enquanto o seu lugar de pai ficava um tanto “vago”. O pai apresentava uma postura e uma dignidade tranquilas bem como um profundo senso de diversão. Dizia-se que era um homem de grande inteligência e julgamento correto.

A importância do pai na infância de Winnicott aparece em várias passagens autobiográficas do seu caderno de notas. Numa de suas lembranças dos três anos de idade, ele escreveu que pegou seu taco de críquete e amassou com uma violenta pancada o nariz da boneca que pertencia a suas irmãs. É possível pensar que essa atitude teria sido um ataque simbólico a uma delas. Ele conta que essa boneca havia se tornado uma fonte de irritação em sua vida porque era com ela que seu pai costumava tirar sarro dele. Conta que a boneca era chamada Rosie e que seu pai, parodiando alguma canção popular, costumava dizer, debochando de mim com a voz que usava: “Rosie disse para Donald / Eu amo você / Donald disse para Rosie / Não acredito em você”. Em suas notas escreveu: “grande parte de minha vida se fundou no fato indubitável de que eu cometi esse ato, não meramente o desejei e planejei”.

Mas então seu pai, usando fósforos, aqueceu o nariz de cera da boneca e conseguiu remodelar seu rosto. Este episódio impressionou Donald de forma profunda, por representar uma experiência de agressão sem que houvesse necessariamente destruição. Essa experiência provavelmente influenciou a sua prática clínica, uma vez que representa a ideia de que expressar agressividade sem aniquilar o objeto de nossa fúria é de grande importância. Seu pai, com sua atitude de consertar o nariz da boneca, demonstrou ao filho que o comportamento violento pode ser controlado e superado e que até mesmo os destroços de ataques hostis podem ser consertados. Esse episódio também pode ter tido influência no interesse que Winnicott para cuidar de pacientes violentos e delinquentes.

Outro episódio que parece ter tido muita importância na construção da personalidade independente de Winnicott foi que certo dia, ao voltar da igreja com seu pai, Donald fez algumas perguntas a respeito da religião, e seu pai respondeu: “Escute, meu filho. Você lê a Bíblia – o que estiver lá. E decide sozinho o que quer. Você é livre, não tem que acreditar no que eu penso. Tome sua própria posição a respeito disso. Apenas leia a Bíblia”.

Em outra passagem Winnicott diz que, aos doze anos, chegando em casa para o almoço, falou um palavrão. Em suas palavras, o pai pareceu “muito sentido como somente ele podia parecer, culpou minha mãe por não cuidar de que eu tivesse amigos apropriados e, a partir daquele momento, preparou-se para enviar-me para uma escola em regime de internato, o que fez quando completei treze anos. (...) ele estava com a razão: o menino que era meu novo amigo não era bom e ele e eu poderíamos ter tido problemas se houvéssemos sido deixados a nós próprios”.

Quando criança Winnicott teve de lidar com os períodos de depressão de sua mãe, além de receber a base suficiente para ser alegre e criativo. Mas a experiência de se preocupar com as necessidades de uma mãe triste pode ter estimulado em Donald algum tipo de fantasia de resgate, levando-o finalmente a dedicar sua vida aos cuidados de outras pessoas deprimidas.

De modo geral a infância de Winnicott parece ter sido bastante sólida e previsível, ao lado de protetores confiáveis e constantes. Uma infância tão feliz, sem nenhum acontecimento difícil, que anos mais tarde Claire Winnicott teria comentado sobre a infância do marido: “parece ter sido boa demais para ser verdade. Mas a verdade é que ela foi boa ...”.

Todas estas experiências de vida foram utilizadas de modo profundo nos seus artigos, nos seus livros e no seu modo de trabalhar.

Bem, mas uma questão fica no ar. Porque, apesar de uma família sólida, confiável, sendo tão amado, o único filho homem não se envolveu com os negócios do pai, e escolheu um caminho diferente como pediatra e depois como psicanalista?

Pode-se pensar que o tipo de experiência que Winnicott viveu, como um menino totalmente cercado por tantas mulheres dedicadas e confiáveis, delas recebendo tanto afeto, tenha marcado de forma profunda e influenciado sua personalidade. Ele se sentia protegido e seguro, o que provavelmente o ajudou a desenvolver uma estabilidade emocional suficiente para viver uma vida adulta produtiva e criativa. Além de desenvolver um grande interesse pelo mundo interno feminino, o que mais tarde se tornou a essência do trabalho de toda a sua vida. Ele passou mais de 40 anos pesquisando e explorando a essência da maternidade e a relação entre a criança e a mãe.

Aos 13 anos de idade, Winnicott foi enviado para a Leys School, em Cambridge. Lá corria, nadava, praticava ciclismo e rugby. Tinha amigos, cantava no coro, fazia parte dos escoteiros e todas as noites lia uma história em voz alta para seus companheiros de dormitório. Certo dia, convalescendo na enfermaria da escola após ter quebrado a clavícula no campo de esportes, Winnicott decidiu: “Pude ver

que pelo resto da minha vida teria que depender de médicos se me ferisse ou ficasse doente, e a única escapatória desse destino seria torna-me eu mesmo um médico”. Essa declaração indica que ele sofria de uma fobia à dependência. Possivelmente um resíduo das rupturas no antigo relacionamento com sua mãe. Em 1913 foi premiado por suas habilidades musicais. E em diversos aspectos as experiências nesta escola foram de extrema importância para a formação da personalidade de Winnicott, pois ele pode conquistar sua independência, o que não aconteceu com suas irmãs.

Já perto do fim da vida Winnicott disse para Claire: “Fui deixado muito tempo com todas as minhas mães. Graças a Deus fui expulso aos treze anos”.

Em 1914 Winnicott passa a estudar no Jesus College, também em Cambridge, e se interessa por biologia, principalmente pelas ideias de Charles Darwin, propostas em seu clássico tratado “A origem das espécies”. Ele escreveu: *“Eu não podia parar de lê-la, isto me causou sérios problemas, pois ela me parecia muito mais interessante do que os exames, e acredito que realmente a era”*. Chegou a formular que *“subitamente percebi que Darwin era a minha xícara de chá”*.

Winnicott e a Medicina

Em 1917 Winnicott inicia sua formação médica. Com a entrada da Grã-Bretanha na Primeira Guerra Mundial, várias faculdades da Universidade de Cambridge foram temporariamente transformadas em hospitais militares. Já neste momento Winnicott começou a trabalhar com pacientes que precisavam de tratamento médico sério. Como estagiário de medicina, ele obteve uma dispensa especial do serviço militar para poder dar continuidade aos estudos. Winnicott fez tudo que pode para salvar os soldados feridos. Aos sábados cantava para eles na enfermaria, com o intuito de aliviar seus sofrimentos. Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial ele também mostrou grande habilidade e sensibilidade em seu trabalho clínico com crianças evacuadas e separadas dos seus pais.

Posteriormente alistou-se na Marinha Real e recebeu o cargo de cirurgião-residente. Experiência que lhe trouxe muito conhecimento. Já no final da guerra Winnicott deixou a Marinha e concluiu sua formação médica na Faculdade de Medicina do Hospital St. Bartholomew's, da Universidade de Londres, um dos hospitais mais antigos e respeitados da Inglaterra, fundado em 1123 pelo monge agostiniano Rhahere.

Em Londres, Winnicott viveu muitas experiências: esquiava, frequentava a ópera, cantava e dançava, além de escrever para a revista do hospital. Conheceu muitas mulheres, tendo quase se casado em várias ocasiões.

Mas talvez sua maior experiência como médico foi a convivência com o Dr. Thomas Jeeves Horder, um dos mais célebres e destacados médicos do século XX. Dr. Thomas valorizava o relacionamento com o paciente e julgava importante deixar que eles contassem sua história com as próprias palavras, em seu próprio tempo. Também levava em conta o conforto físico dos pacientes, aquecendo suas mãos e o estetoscópio com água morna antes de realizar o exame físico.

Este ensinamento, muito bem aprendido e apreendido por Winnicott, de que é muito importante fazer um histórico clínico cuidadoso e detalhado e ouvir os pacientes, e não apenas fazer-lhes perguntas, influenciou de modo muito importante seu estilo clínico pessoal, seu modo de estar com seus pacientes, quando mais tarde se tornou psicanalista.

Durante a faculdade de medicina Winnicott teve seu primeiro contato com a psicanálise. Depois da guerra ele passou a não se lembrar mais dos seus sonhos. Após de alguma resposta para isso teve contato com a “Interpretação dos Sonhos”, o clássico de Freud. Ou seja, ele já se sentiu atraído pela psicanálise mesmo antes de se tornar psicanalista.

Quando se formou médico em 1920, Winnicott optou por se especializar em Pediatria. Trabalhou durante certo tempo no próprio Hospital St. Bartholomew como médico residente, com muita competência e satisfação, e já se utilizando de algumas noções de psicanálise que tinha adquirido.

Em 1923 Winnicott iniciou sua prática clínica como médico assistente no Queen’s Hospital for Children e também no Paddington Green Children’s Hospital, onde permaneceu por 40 anos. Foi nesse Hospital que desenvolveu sua enorme capacidade para lidar com crianças e onde começou a utilizar os recursos que lhe deram fama, como o “jogo do rabisco”, verdadeiro desenho-objeto-transicional no qual sucessivamente ele e a criança iam desenhando partes e formando figuras que iam se sucedendo.

O Psicanalista

Em 1923 Winnicott decidiu buscar tratamento psicanalítico. Apesar de seu interesse profissional pelas ideias de Freud e de seus seguidores, confessou sinceramente que procurou análise por motivos particulares. Procurou então Ernest Jones. Por recomendação de Jones, Winnicott iniciou uma análise que durou cerca de 10 anos com James Strachey. Essa análise lhe foi bastante útil em vários aspectos, inclusive para ampará-lo durante as suas grandes dificuldades conjugais, nos primeiros tempos de sua prática clínica privada, na sua longa formação de psicanalista de adultos e crianças, na outorga ao pai do título de cavaleiro em 1914 e, principalmente, para lidar com a morte da mãe, que ocorreu em 1925. Após o término da análise Winnicott manteve um relacionamento agradável com Strachey.

Com o passar dos anos Winnicott começou a dedicar menos tempo à pediatria e foi buscando e obtendo mais espaço como psiquiatra e psicanalista infantil. Porém, sempre conservou seu interesse pelo lado médico da pediatria, mas teve a sabedoria e humildade de centrar suas energias na abordagem psicológica das doenças infantis. Ele se descrevia como um “psiquiatra agarrado à pediatria”.

Em 1927, alguns anos após início de sua análise, Winnicott candidatou-se a uma vaga no Instituto de Psicanálise de Londres, vindo a se tornar o primeiro psicanalista infantil homem na Inglaterra.

Na mesma época também trabalhava como médico particular, mas tinha muito poucos pacientes pagantes. Porque essa situação o envergonhava diante do porteiro e também porque tinha preocupação com seus pacientes, ele pagava a passagem para que alguns de seus pacientes mais pobres do Paddington Green fossem consultá-lo no seu consultório particular.

Strachey, sabendo do trabalho que Winnicott desenvolvia com crianças no hospital, estimulou Winnicott a conhecer Melanie Klein, uma psicanalista incrivelmente talentosa, que tinha se tornado famosa por conta dos estudos realizados com bebês. Winnicott tornou-se supervisionando de Melanie Klein durante cerca de seis anos. Passou a admirar e colaborar com Klein, tendo sido profundamente influenciado por suas ideias.

Winnicott admirava Klein a tal ponto que chegou a desejar continuar sua análise com ela, talvez numa tentativa de aprender mais a respeito da teoria kleiniana. Também nessa época sua esposa Alice começava a se comportar de forma cada vez mais psicótica e Winnicott, sem dúvida, sentia necessidade de uma maior assistência em análise durante esse período conturbado. Mas Klein se recusou a analisá-lo porque ela queria que Winnicott analisasse seu próprio filho, Erick, e com

sua supervisão!! Winnicott recusou. Aceitou sim analisar Erick, mas não com a supervisão de Klein.

Em 1934, Winnicott formou-se como psicanalista de adultos e tornou-se membro associado da Sociedade Britânica de Psicanálise.

Em 1935, completou a longa e árdua formação em pediatria, em psiquiatria infantil e em psicanálise.

Em 1936 Winnicott iniciou uma outra análise, que durou cerca de cinco anos, com sessões diárias, agora com uma amiga íntima de Klein, Johan Riviere. E mesmo que sua analista fosse uma pessoa muito difícil, ele aproveitou o que ela podia lhe oferecer.

Nos seus casos de adultos ele foi supervisionado Nina Searl e Ella Freeman Sharpe e no trabalho com crianças por Melanie Klein, Melitta Schmideberg.

Agora, de posse do conhecimento das ideias Freud e de Melanie Klein, Winnicott começou a sua caminhada no sentido de criar suas próprias contribuições originais para a Psicanálise. Aos poucos foi se afastando bastante de Klein e de Freud. Porém, o afastamento de Freud foi menor do que o de Melanie Klein, embora toda sua formação em psicanálise tenha se dado no grupo kleiniano.

Tanto Klein como Winnicott tinham interesse em estudar os aspectos pré-édipicos da criança, sendo que Klein se preocupou em estudar as fantasias inconscientes, enquanto Winnicott preferia focar seu interesse no relacionamento real entre a criança e a mãe. Klein ressaltando aspectos como a inveja primitiva, a agressividade, a voracidade e as experiências psicóticas. E Winnicott a saúde, as necessidades das crianças e seu desejo de serem amadas.

Apesar das divergências, Winnicott valorizou as ideias de Klein pelo resto da vida, considerando-a mesmo a mente mais criativa da psicanálise depois de Freud. Entre as posições teóricas dos grupos de Anna Freud e de Melanie Klein Winnicott assumiu uma posição de independência, que consistia em tentar elaborar uma concepção pessoal e original da relação de objeto, do self e do brincar. Sua proposta, sua maneira de olhar para o ser humano é diferente, porque volta o seu olhar agudo não só para o mundo interno, mas também para o ambiente, para a cultura, que também é constituinte do ser humano.

Winnicott interessava-se mais pela dependência do sujeito em relação ao ambiente, enquanto Melanie Klein interessava-se mais pela estruturação interna da subjetividade Winnicott não aceitou a explicação freudiana da agressividade em termos de pulsão de morte e definiu a psicose como um fracasso da relação materna.

Segundo ele, era o “bom funcionamento” do laço com a mãe que permitia à criança organizar o seu eu de maneira sadia e estável.

Estas divergências teóricas entre Winnicott e Klein e seus seguidores, e a crescente independência de pensamento de Winnicott acabaram por se expandir para o lado pessoal a um ponto tal que os psicoterapeutas em formação na clínica Tavistok eram orientados por alguns professores a não lerem e nem assistirem as palestras públicas de Winnicott, mesmo depois de muito tempo do falecimento de Klein.

O relacionamento difícil entre Klein e Riviere de um lado e Winnicott de outro tinha como pano de fundo o momento das grandes discussões e brigas dentro da Sociedade Britânica naquela época, que causaram a divisão que ficou conhecida como “As Controvérsias – Freud – Klein”. A Sociedade promoveu uma série de reuniões científicas com o objetivo de discutir os pontos-de-vista divergentes das duas escolas rivais, a de Anna Freud e a de Melanie Klein. Os dois grupos promoveram uma série encontros difíceis, tumultuados, lutando para revolver questões explosivas como a natureza da psique infantil, a época do complexo de Édipo e a formação do superego e suas respectivas posições técnicas.

Vamos nos lembrar um pouco das causas de tanta animosidade dentro da Sociedade Psicanalítica de Londres. A origem das Controvérsias se situava não apenas nas divergências teóricas entre o grupo freudiano e kleiniano, também existiam motivações pessoais. A questão é que Klein, a convite de Ernest Jones, já havia se estabelecido em Londres há doze anos, quando a família Freud, fugindo da guerra veio morar em Londres, em 1938.

Durante este período de 12 anos Klein formou um grupo de seguidores forte e leal. Até então, não havia concorrentes, mas sim seguidores de suas formulações teóricas. Com a chegada de Anna Freud sua posição de “rainha da psicanálise britânica” ficou ameaçada.

Bem, mas Winnicott não teve um papel central nas Controvérsias, apenas secundário, em parte porque havia se formado há pouco tempo e não possuía a autoridade de muitos dos integrantes mais ativos do debate. A posição de Winnicott de se interessar mais pela questão da dependência do sujeito em relação ao ambiente, não aceitar a explicação freudiana da agressividade em termos da pulsão de morte e definir a psicose como um fracasso da relação materna, foram motivos centrais para as divergências entre eles.

Com a aproximação do final da Segunda Guerra Mundial, Winnicott e os colegas que pensavam como ele, de um modo um tanto informal, constituíram um grupo chamado “Grupo do Meio”, hoje conhecido como Grupo Independente. Esse

grupo era formado por analistas importantes e de mente mais aberta dentro da Sociedade Britânica de Psicanálise. Dele faziam parte Michael Balint, John Bowby, Masud Khan, Pearl King, John Klauber, Margareth Little, Marion Milner, Charles Rycroft e vários outros.

Winnicott sempre se recusou a ser líder desse grupo, até porque tinha outras preocupações mais importantes. Ele era psiquiatra consultor do Plano de Evacuação do Governo Londrino. Um posto que foi muito importante para Winnicott, tanto pessoal como profissionalmente, porque teve oportunidade de ampliar seu conhecimento a respeito de pacientes extremamente difíceis. Nessa época, Winnicott era responsável pela saúde mental de aproximadamente 285 crianças de cinco abrigos. Esses crianças, meninos e meninas haviam sido separados dos seus pais para serem protegidos dos bombardeiros em Londres e outras grandes cidades.

Foi neste trabalho que Winnicott conheceu uma assistente social bonita e talentosa, Claire Britton, com quem se casou em 1951. Ela também veio a se formar psicanalista e passou a assinar Claire Winnicott. O casal não teve filhos. No final de sua vida, ele escreveu: “...é muito difícil um homem morrer quando não teve um filho para matá-lo na fantasia e poder sobreviver a ele, proporcionando assim a única continuidade que os homens conhecem”. Mais tarde Claire também foi analisada por Melanie Klein.

Winnicott já havia se casado pela primeira vez com Alice Taylor, uma artista plástica. As cartas trocadas entre James Strachey e sua esposa Alix, mostram claramente que “Winnie” sofria de problemas sexuais nesse casamento, a ponto de não conseguir consumá-lo. A jovem Alice foi apagada pela história oficial da vida de Winnicott e sabe-se que foi internada várias vezes em hospitais psiquiátricos. Mesmo depois do descasamento Winnicott continuou se correspondendo e cuidando de Alice.

Sofrendo de problemas cardíacos desde 1948, veio a falecer subitamente em 22 de janeiro de 1971, aos 75 anos de idade, em Londres. Ao perceber a proximidade da morte, escreveu em suas notas autobiográficas:

“Morri. Não era muito agradável, e pareceu demorar um bom tempo (mas foi apenas um momento na eternidade). Meu pedido havia sido ouvido. Oh, Deus, que eu possa estar vivo no instante de minha morte! ”.

Ele sentia que essa experiência estava muito próxima.

E foi após a sua morte que sua obra, que transcende a psicanálise e se insere nos campos da educação, assistência social, pediatria e saúde mental, foi verdadeiramente conhecida e reconhecida por outros grandes psicanalistas.

Referências bibliográficas

Abram, Jan. A Linguagem de Winnicott. Rio e Janeiro; Revinter, 2000.

Brett, Kahr. A Vida e a Obra de S.W.Winnicott; Exodus Editora, Rio de Janeiro, 1997.

Phillips, Adam. Winnicott; Ideias e Letras. Aparecida-SP. 2006.